
**CORPO-PENSAMENTO E TEMPO E INVENÇÕES NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS: O
AIONGRAMA**

BODY-THOUGHTS AND TIME AND INVENTIONS IN SCIENCE RESEARCH: THE AIONGRAM

Claudia Glavam Duarte *
Veronica de Lima Mittmann**

RESUMO

Esse artigo tem a intenção de apresentar o *Aiongrama*, inventado em uma pesquisa realizada no mês de março de dois mil e vinte e dois, com crianças com idades entre quatro e cinco anos de uma escola pública de uma pequena cidade do Rio Grande do Sul. Cabe salientar que diferente de um cronograma, o *Aiongrama* se move pelos acontecimentos e pelos encontros. Nesse sentido, seria uma organização do tempo de pesquisa que pretende dar a ouvir aos corpos-pensamentos, que sentem e que se expressam no encontro com lugares, pessoas, animais e conceitos. Isto é, em tempo *Aion*, a pesquisa se propõe a experimentação. Com isso, apresentamos os dois tempos que atravessam uma pesquisa. Cronos é o tempo que pode ser medido em dias, meses, anos, horas e segundos, já *Aion*, seria o tempo dos acontecimentos, dos encontros e dos sentidos. Além disso, por ser *Aion* o tempo do devir, um corpo-pensamento que experimenta um *Aiongrama* também é um corpo-pensamento em transformação.

Palavras-Chave: *Aiongrama*. Ciências. Experiência.

ABSTRACT

This article intends to present *Aiongrama*, invented in a survey carried out in March 2022, with children aged between four and five years old from a public school in a small city in Rio Grande do Sul. It is worth noting that unlike a schedule, the *Aiongrama* moves through events and meetings. In this sense, it would be an organization of time research that aims to listen to thought-bodies, which feel and express themselves in encounters with places, people, animals and concepts. That is, in *Aion* time, research proposes experimentation. With this, we present the two times that go through research. Chronos is the time that can be measured in days, months, years, hours and seconds, while *Aion* would be the time of events, encounters and meanings. Furthermore, because *Aion* is the time of becoming, a thought-body that experiences an *Aiongram* is also a thought-body in transformation.

Keywords: *Aiongram*. Sciences. Experience

* Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2009). Atualmente é professora do curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Campus Litoral Norte, do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências. claudiaglavam@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8608-5855>

** Mestrado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde (Ufsm - Furg) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017). veronicalimam@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2751-4234>



1 INTRODUÇÃO

Diferentes tempos atravessam uma pesquisa, um estudo, uma vida. Nesse sentido, a intenção desse artigo é a de apresentar uma maneira diferente de organizar os tempos de uma investigação que ocorreu em uma pesquisa para doutoramento em ciências. Para isso, acompanhados de Deleuze (2005, 2010, 2015) e Guattari (2010), nos propomos a realizar uma pesquisa que se efetua em um corpo-pensamento que experimenta o tempo do acontecimento, da experiência e do sentido, entendendo que, “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (Deleuze, 2015, p. 152). Contudo, para perceber o acontecimento, seria preciso um corpo-pensamento sensível ao que se anuncia e que ainda não tem matéria de expressão.

Para isso, foi preciso desatar as amarras que condicionam o corpo-pensamento ao automatismo. Tornar o corpo-pensamento novamente suscetível aos acontecimentos da vida, e permeável aos sofrimentos e as alegrias. Um corpo-pensamento capaz de experiência e que “se relaciona a outros termos, entre eles destaco “prova” ou “provar” e “ensaio” ou “ensaiar” (Leite, 2011, p. 20). Nessa perspectiva, uma pesquisa com “sabor” se dá por degustação. Não há certezas, mas paladar. Um passo de cada vez, ir provando com olhos, pés e audição, adicionando ingredientes, sensibilidades e temperatura. É uma pesquisa com o corpo-pensamento: saliva, língua, cérebro, olhos, ouvidos e estômago.

[...] experimentar é proceder de forma tateante, é um proceder sem certezas, pouco seguro, é um estado de quem se coloca a andar, a caminhar, experimentar é de alguma forma percorrer um percurso. E se pesquisar é de alguma forma experimentar, então, pesquisar é percorrer um percurso, percorrer muitos percursos, percorrer percursos (Leite, 2011, p. 125-126).

Nesse sentido, a pesquisa se fez com pele. Descalças, arriscamos machucar a carne, percebendo que valia a pena assumirmos os riscos. Almejávamos tatear com pés, e nos colocamos em uma pesquisa-trilha, por caminhos ainda pouco conhecidos, já que “meus pensamentos cochilam se os deixo sentados. Meu espírito não anda sozinho se as pernas não o agitam” (Gros, 2021, p. 189). Para agitar o espírito, desejávamos sentir a terra, as folhas secas, o cheiro de sol e das sementes que brotavam no caminhar. Não que não houvesse espinhos e houve alguns. Por vezes, a pesquisa foi dolorida, as incertezas por vezes

machucavam, mas sentir também dói e queríamos a pesquisa-vida por inteiro. Trilhamos a pesquisa como caminhantes que seguem rastros em meio à floresta-vida.

Como adotamos o tempo *Aion*, que é o tempo da experiência, construímos um pesquisar como experimentação, isto é, “nos distanciamos da noção de que as investigações são compostas por seus “experimentos”, coleta de dados e análises. O que vivo nesse processo são experiências e modos de afetação e produção de sentidos, no e com o outro (Leite, 2011, p. 70). Nesse experimentar, inventamos um outro tempo de pesquisar, o *Aionograma*, que seria um pouquinho diferente de um cronograma, pois, ao invés de ter como tempo o *Cronos*, adotamos *Aion*, o tempo da experiência, do acontecimento e dos efeitos incorporais de superfície.

2 O AIONGRAMA

A pesquisa foi realizada nas manhãs ensolaradas do mês de março de dois mil e vinte e dois, em uma escola pública de ensino fundamental de uma pequena cidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, com crianças com idades entre quatro e cinco anos e que cursavam a pré-escola¹.

Nossos objetivos eram o de perceber como o devir-criança possibilitaria um *Outramundar* (neste mundo) e compreender algumas relações que o devir-criança experimentava com o mundo e, por fim, analisar como tais relações poderiam rasurar a forma de nos relacionarmos com os não humanos. Cabe salientar que colocamos o “neste mundo” entre parênteses por não se tratar de um *outramundar* na transcendência. Mas, de novas formas de vida que germinam na imanência ou neste mundo². Frente a essa intencionalidade, podemos afirmar

¹ Por se tratar de uma pesquisa com menores de idade, tivemos que ter, além da autorização das crianças, também a de seus pais. Como eram alunos que ainda não estavam alfabetizados, tivemos que ler o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para as crianças e perguntar a elas se autorizavam a pesquisa. A leitura do material para cada um dos alunos e as suas respostas foram gravadas. Nesse sentido, antes de iniciarmos a investigação, a pesquisa precisou ser autorizada pelo Comitê de Ética. A aprovação está registrada sob o número - CAEE: 42766721.7.0000.5347

² A tese defendida foi a de que o Devir-Criança nos possibilita *Outramundar* (neste mundo) por intermédio do animismo Infantil e, em efeito na construção de outra sensibilidade para experienciar o mundo. O animismo infantil estilha o antropocentrismo problematizando a fronteira entre humanos e não humanos. pois, entende que os não humanos teriam sentimentos similares aos humanos. O que ocorre são percepções diversas do mundo porque nossos corpos são diferentes. Assim, compartilhamos com outras espécies sensações como o medo, o prazer, a alegria, a dor, pensamento e as capacidades de planejamento e de criar laços emocionais.



que essa foi uma época propícia para que pudéssemos sentir no corpo-pensamento, os diferentes tempos que nos atravessavam: Cronos e Aion.

Cronos é o tempo que pode ser medido em dias, meses, anos, horas, minutos e segundos. Na perspectiva do tempo Cronos, só existiria o presente, isto é:

[...] passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo. É o mesmo que dizer que o futuro ou o passado com relação a um certo presente (de uma certa extensão ou duração) faz parte de um presente mais vasto, de uma maior extensão ou duração. Há sempre um mais vasto presente que absorve o passado e o futuro (Deleuze, 2015, p. 167).

O presente seria o momento em que ocorre uma ação no corpo-pensamento. O passado seria os restos dessa ação já ocorrida e o futuro, a crença na realização dessas ações. O presente seria um tempo infinito, mas limitado, isto é, o presente acaba e reinicia infinitas vezes.

No entanto, nem todos os dias são iguais. Há coisas que acontecem e que produzem discontinuidades que chamamos acontecimentos ou experiências. Esse tempo que não pode ser medido, é *Aion*. É um tempo que passa muito rápido ou que demora uma eternidade. Tempo desmedido e que teria um presente que seria constantemente atravessado por passado e por futuro em virtualidade, ou seja:

[...] somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem uns com relação aos outros o futuro e o passado (Deleuze, 2015, p. 169).

Com isso, enquanto Cronos seria o tempo das profundidades e exprime a ação e o estado dos corpos-pensamentos, *Aion* expressa os efeitos incorporais de superfície, ou seja, *Aion* seria o tempo dos efeitos e do sentido e assim, como o exprimível, o vazio e o lugar, seria um incorporeal. Isto é, “o incorporeal é um quase-ser, não tem realidade própria, depende dos corpos ou agentes e a eles está subordinado” (Pelbart, 2015, p. 67).

Aion é o tempo ilimitado, atravessado por futuro e passado em virtualidade, mas finito pelos instantes. Isto é, o tempo não seria percebido como sucessão de futuro, presente e passado, mas um tempo rizomático em que passado, presente e futuro coexistem. *Aion* seria o tempo do sentido, que transforma sons em palavras e palavras em representações para objetos e sentimentos e que possibilita a linguagem. Assim, *Aion* seria o tempo dos encontros, do acontecimento, que “passa-se num tempo liso, não pulsado, flutuante, aiônico” (Pelbart, 2015, p. 61). Momento em que experimentamos afectos e perceptos.

Desse modo, uma pesquisa que quer se dar em tempo *Aion* precisa considerar que “aquilo que teorizamos e que fazemos acaba sendo formas de justificar afectos e modos de sentir a vida, ou seja, formas de produzir sentidos para nossa sensibilidade, para nossa afetividade” (Leite, 2011, p. 36).

Com isso, percebemos que somos atravessados por diferentes maneiras de vivenciar o tempo: *Cronos* e *Aion*. *Cronos* é o tempo do já dado, isto é, as crianças precisam entrar na escola com uma determinada idade, espera-se que comecem a falar em uma determinada época e aos dezoito anos dizem que nos tornamos adultos. *Cronos* é o tempo das recomendações, das normas e das regras. Nesse sentido, a composição de um cronograma poderia ser: Normas/regras + cérebro + tempo medido (segundos, minutos, horas, dias, meses e anos) + prazos + organização + previsão + rigidez + continuidades + divisão sucessiva entre passado, presente e futuro = execução e tarefa feita.

Mas há também o tempo da experiência. Um tempo que não pode ser previsto. Um tempo que vaza... que é excessivo ou insuficiente. E esse foi o tempo que também vivenciamos na pesquisa. Isto é, havia um cronograma a ser seguido, pois o doutorado tem duração máxima de quatro anos, há disciplinas e créditos que precisam ser feitos e artigos a serem publicados. Mas também houve um *Aionograma* nesse intervalo. Ou seja, foi preciso vivenciar no corpo-pensamento as incertezas do retorno às atividades presenciais e também precisamos de um tempo, que não pode ser medido, para compreender o que as crianças queriam dizer com aquilo que falavam, isto é, forjar sentidos para aquilo que ouvíamos e vivenciávamos. Um tempo de ser infante e de ter perdido as palavras, para perceber como as crianças se relacionavam com o mundo. Com isso:



Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do limitado e infinito, Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular, Aion é linha reta. Sensato ou tresloucado, Cronos é sempre da profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente atópico, ou transtópico, mas também, num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal (Pelbart, 2015, p. 72).

Pensando nesse tempo da experiência, inventamos um *Aiongrama*, que, ao invés do cronograma, se move pelo tempo da experiência e das sensações que atravessam o corpo-pensamento do pesquisador, dos pesquisados e da pesquisa. Com isso, o *Aiongrama* de nossa investigação teve dia e atividade, conforme abaixo:

Quadro 1: dia e atividade do *Aiongrama*.

Dia	Atividade
Para dias de curiosidade, de vontade de sair para a rua. Geralmente, dias ensolarados em que haja a necessidade de rasgar a pele para sentir a vida e sentir diferente.	Produzir sementes, afectar-se e perceptar-se, para que se produzam descontinuidades no pensamento. Continuar a ir a campo para ouvir e observar as crianças
Para dias de introspecção e de silêncio. Dias calmos, chuvosos ou para as sombras dos dias quentes	Germinar e nutrir rizomas já fabulados - cicatrizar e inventar tecidos e peles. Agenciar com computador e livros. Para leituras e escritas que possam compor e nutrir os conceitos que já germinaram na escrita do projeto de tese, especialmente, o conceito de animismo.

Fonte: as autoras.

Salientamos novamente que a pesquisa aconteceu durante quatro anos e nesse tempo, pudemos experimentar o efeito da temperatura, da claridade, das chuvas na heciedade que é o pesquisador. Com isso, no nosso *Aiongrama*, percebemos que nos dias ensolarados havia uma maior vontade de sair para a rua e experimentar o novo. Então, foi nesses dias que privilegiamos ir a campo, a fim de produzir o material empírico. Já nos dias nublados ou chuvosos, havia uma maior vontade de ficar em casa, escrevendo sobre o que se tinha observado e sentido no campo ou lendo e estudando. Assim, o *Aiongrama* acima foi inventado para a nossa investigação. Ele seria uma experiência do tempo que considera o corpo-pensamento de cada pesquisador e os seus encontros, então, será sempre uma invenção. Isto é, cada investigação terá um *Aiongrama* diferente, pois os afectos e perceptos que atravessam uma pesquisa e as composições que serão feitas com eles serão singulares. Dito de outro modo, a pesquisa que se permite *Aiongramas* submete suas etapas ao corpo-

pensamento e as sensações. Há o crivo do corpo- pensamento para sua efetuação. Nesse sentido, a composição do *Aiongrama* pode ser: corpo-pensamento E afectos E perceptos E vida E sentidos E acasos E ética E discontinuidades E imanência E intempestivo E presente composto de passado e de futuro ilimitado \cong criação de uma tese.

3 O QUE PODE UM CORPO-PENSAMENTO NO ENCONTRO COM *AION*?

Para a criação do *Aiongrama*, houve a necessidade da construção de um corpo que pudesse ser afectado. Isto é, diferentemente do cronograma, um *Aiongrama* não está dado de antemão e se faz com um corpo-pensamento esgotado, que não aguenta mais.

Vivemos um momento de esgotamento dos corpos-pensamentos, do meio ambiente e das subjetividades cafetinadas pelo capitalismo. Entendemos que esgotado é diferente de cansado. O cansado é aquele que ainda tem possíveis do já dado, mas o esgotado é aquele que esgotou os possíveis e precisa perceber os germens de mundos que estão por se abrir. O esgotamento possibilita que possíveis, que ainda estão em virtualidade, possam ser pensados e sentidos, isto é, o impensado passa a ser pensado. Seria na condição de esgotamento que aquilo que ainda não era imaginado possa se tornar um possível. Ele é aquele que consegue perceber as intensidades antes que elas se atualizem em imagens. Por isso, ele pode criar. O esgotado percebe as potencialidades de um acontecimento e compõe o diferente, para que a invenção de uma novidade possibilite que os afectos possam ter forma.

O esgotamento desata aquilo que nos liga ao mundo, que nos prende a ele e aos outros, que nos agarra às suas palavras e imagens, que nos conforta no interior da ilusão de inteireza (do eu, do nós, do sentido, da liberdade, do futuro) da qual já desacreditamos há tempos, mesmo quando continuamos a eles apegados. Há nessa atitude de descolamento, certa crueldade, sem dúvida, mas tal crueldade carrega uma piedade outra – a que desata os liames. Apenas através de uma desaderência, despregamento, esvaziamento, bem como da impossibilidade que assim se instaura, advém a necessidade de outra coisa que ainda pomposamente demais, chamamos de criação de possível (Pelbart, 2013, p. 413).

Apostamos então, que a potência para uma existência outra, menos anestesiada, esteja no corpo-pensamento que se esgota e que, esgotado se abre. Um corpo-pensamento que trinca e cria fendas. As fendas podem viabilizar possibilidades outras em um solo ou em



uma construção. Estabelecem a diferença de terreno e escancaram a diversidade. Um diverso se abre

Trata-se de um corpo-pensamento que está propício a dores e a alegrias e que é constantemente, atravessado por sensações que vem do ambiente, mas também do próprio corpo-pensamento. Com isso:

O corpo não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si mesmo, aquilo que deve superar para conseguir pensar. É, ao contrário, aquilo em que ele mergulha, ou deve mergulhar, para atingir o impensado, isto é, a vida. Não que o corpo pense, porém, obstinado, teimoso, ele força a pensar, e força a pensar o que escapa ao pensamento, a vida. Não mais se fará a vida comparecer perante as categorias do pensamento, lograr-se-á o pensamento nas categorias da vida. As categorias da vida são precisamente as atitudes do corpo, suas posturas. Não sabemos sequer o que um corpo pode: no sono, na embriaguez, nos esforços e nas resistências. Pensar é aprender o que pode um corpo não-pensante, sua capacidade, suas atitudes ou posturas (Deleuze, 2005, p. 227).

Neste sentido, o *Aionograma* se dá pelo corpo-pensamento e não por intermédio do corpo-pensamento. Esse que sente, que dói, que transpira. Coração acelerado, falta o ar, as mãos suadas. Um corpo-pensamento que relaxa, que adormece, que se excita, que é invadido por diferentes substâncias: adrenalina, cortisona, oxitocina, endorfina. O corpo-pensamento se faz no múltiplo. Que é multidão de células, de bactérias, de fungos, de germens de mundo. Que corpo-pensamento é esse que arrepia, que faz metabolismo e que faz pensar? O que pode um corpo-pensamento que multiplica estômagos?

Para ruminar conceitos, propomos corpos-pensamentos que sejam todos estômagos, pois há a necessidade de movimentos peristálticos no pensamento, o que pressupõe entranhar conceitos. Não basta engolir os conceitos, seria preciso também mastigá-los bem, mas ainda isso não basta, seria necessário digeri-los, quebrá-los, fazê-los carne, para assim, pensar de corpo-pensamento inteiro, isto é, pensar com coração, com pulmão, com pele, com tripas, com estômago, com unhas, com língua e saliva. Estarmos atentas a esse pensar do corpo-pensamento, isto é, o corpo-pensamento se manifesta por meio de sensações: falta de ar, coração acelerado, rubor, angústia, arrepio, suor frio, enjoo, nó na garganta, calor, preguiça, disposição, risada, choro, gargalhada. Além de reparar nos afectos do/no corpo-pensamento, também os perceptos, isto é, aquilo que pensa em nós.

Assim, tantos estômagos possibilitariam ao ouvir/ver/sentir as crianças pensar o que

é impensado nesse momento, isto é, a maneira como as crianças observam e sentem o mundo é bastante surpreendente para os adultos, porque colocam sobre a mesa da sala de aula o inusitado. E é esse inusitado que nos interessa para pensar/criar outras relações com o mundo. Para isso, precisamos de alguns estômagos para ruminar conceitos e de apetite para as nossas fomes. Acompanhando os movimentos da vida e dos encontros, tais estômagos funcionariam simultaneamente. Ora alguns trabalham mais, outros menos, no entanto, o movimento de todos é constante.

Para Lapoujade (2002), a potência de um corpo-pensamento não está ligada às ações de que é capaz, não está nos seus atos ou na capacidade de agir. Mas no corpo-pensamento em si, ou seja, “a potência é concebida como um ato virtual ou possível, e o ato, por sua vez, é concebido como uma potência atualizada, quer dizer, como uma forma determinada” (Lapoujade, 2002, p. 81). Vivemos com corpos- pensamentos que não aguentam mais e com mentes incapazes de pensamento. O corpo-pensamento não aguenta mais a disciplina e o adestramento. E sofre a culpa por sofrer ou por estar doente. No entanto, tanto a doença quanto o sofrimento fazem parte da vida e essa separação faz o corpo doente de culpa. Assim, torna-se “a vida doente para separá-la do sofrimento” (Lapoujade, 2002, p. 86).

Com isso, o sofrimento seria a condição primeira do corpo-pensamento, que sofre de excitação no encontro com o outro, com o ar, com os alimentos, com o tempo. O corpo-pensamento que é multidão de tantos outros, precisa estar em constante invenção: a temperatura muda, os sons e os silêncios, bactérias que se reproduzem, células que morrem, pensamentos que nos atravessam. O corpo- pensamento que morre e que renasce constantemente, é um corpo-pensamento que sofre de vida: de alegrias e de dor. Por isso:

Ser forte consiste primeiro em estar à altura de sua fraqueza. Só se cavam espaços, só se precipitam ou desaceleram tempos à custa de torções e deslocamentos que mobilizam e comprometem todo o corpo... Portanto, há sem dúvida atores e sujeitos, mas são larvas, porque são os únicos capazes de suportar os traçados, os deslizamentos e rotações... E é verdade que toda Idéia nos faz larvas... As larvas trazem as Idéias em sua carne... Não se trata mais de se fazer sujeito ou “agente”, mas, ao contrário, de re-devir “larva” seguindo uma estranha involução criadora reclamada por Deleuze (Lapoujade, 2002, p. 88).

Com isso, a potência de um corpo-pensamento tem relação com aquilo a que ele



pode resistir, ele não está anestesiado, mas que é capaz de sentir. Um corpo-pensamento que está suscetível aos afectos e aos perceptos que emergem dos encontros. Um corpo-pensamento que é abalado pelo ambiente, mas que consegue se abrir e se transformar, para caber mais mundo. Mas o que sabemos do corpo-pensamento?

Durante séculos, o corpo foi negligenciado em prol de uma alma que deveria ser reverenciada, por ser eterna, enquanto o corpo era perecível. Isto é “o corpo, na melhor das abordagens, era o instrumento servidor da alma. Livres eram os homens que viviam do exercício da razão, [...] (Zordan, 2019, p. 50). Então, era preciso calar o corpo e para isso, foram utilizadas diferentes técnicas disciplinares que adestraram e docilizaram corpos (Foucault, 2014). Tudo isso nos tornou analfabetos de corpo-pensamento e mal sabemos decifrar os seus sinais.

Consideremos, em primeiro lugar, a profundidade de nossa ignorância a respeito de nosso próprio corpo. A tradição filosófica quase que inteiramente – com raras e honrosas exceções, como a de Spinoza – se construiu sobre a base da negação e aviltamento do corpo. Por isso, somos ainda rigorosamente ignorantes daquilo que nos é mais próximo. Nosso mais seguro solo de realidade, apenas tateamos às cegas, nas bordas de um si mesmo que nos permanece estranho. Para Nietzsche, há muito tempo o homem vive em profundo desconhecimento do corpo; e o que é pior, somos tão profundamente ignorantes desse estranhamento de nós mesmos, que sequer chegamos a senti-lo. (Giacchia, 2002, p. 199).

Com isso, *Aion* é o tempo que fissura para acolher as sensações do corpo-pensamento e que possibilita que o pensamento possa pensar. *Aion* é o tempo de um corpo-pensamento atravessado por afectos e perceptos. Por isso, é um tempo que não pode ser previsto, pois não há a possibilidade de antever os acontecimentos. Esses são eventos que não têm uma causa, mas provocam rupturas que instauram outras maneiras de pensar e de sentir.

O acontecimento torna o impensado pensável e o insensível, possível de ser sentido. Com isso, o acontecimento modifica o campo de possibilidades de uma época. Isto é, o acontecimento instaura uma descontinuidade e o que antes era corriqueiro, torna-se intolerável.

Com isso, o acontecimento modifica os afectos e os perceptos de um momento histórico. Salientamos que afectos e perceptos são sensações sem nome. Isto é afectos e

perceptos são diferentes de afeto e percepção e assim:

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos (Deleuze; Guattari, 2010, p. 193-194).

Assim, no encontro de um corpo-pensamento com afectos e perceptos é que são produzidas as percepções e os afectos. Isto é, quando éramos pequenos, tínhamos sensações que logo foram denominadas de tristeza, alegria, saudade. Quando ganharam uma representação, as sensações se tornaram afectos. O mesmo ocorre com os perceptos que se tornam imagens ou percepções. Isto é, reconhecemos o mundo utilizando imagens do que seria um homem, uma mulher, uma criança, uma escola, enfim. Por mais que, em nossas investigações haja o interesse em borrar as fronteiras do que é ser homem, mulher, família. Ainda assim, precisamos das imagens para pensar. Ou seja,

Os seres de sensação precisam de imagens para serem sentidos. As imagens constituem matérias virtuais que foram atuais ou que se atualizam junto à percepção. As imagens se processam em séries, não apenas associando elementos contínuos, mas procedendo a ligações disjuntivas entre traços diagramáticos do pensamento. Tais traços funcionam como pictogramas mnemônicos dos conhecimentos que temos da matéria. Pensar é rasgar esses pictogramas, fender sua imagem (Zordan, 2019, p. 35-36).

No entanto, muitas vezes, não temos uma imagem para aquilo que nos acontece e essas precisam ser inventadas. Nesse sentido, um corpo-pensamento que vive os acontecimentos é um corpo-pensamento que está em devir, isso é “devir é aquilo que nunca é, aquilo que escapa ao ser, pois diz respeito ao tornar-se” (Zordan, 2019, p. 22). De quais devires é capaz um corpo-pensamento que se abre aos acontecimentos?

Nessa pesquisa experimentamos diferentes devires: devir-criança, devir- inseto, devir-imperceptível. Fomos estendendo pele para aquilo que nos acontecia e deixando que o movimento da vida nos transformasse. *Aion* possibilitou que a pesquisa fosse vivida na carne. A pesquisa não foi escrita apenas no papel, mas também nos nossos ossos. *Aion* nos irrigou



com sensações. Deixamos que esse tempo nos atravessasse.

4 CONCLUSÃO

Ao Fechar essa escrita, desejamos que as palavras possam vazar dessas páginas, que pinguem no chão e que possam brotar sempre diferentes na terra- leitor. O tempo *Aion* é o tempo que racha, que invade, que dói. É o tempo intervalar que invade *Cronos*. É o tempo dos nascimentos e das mortes. É o tempo que nos bate à porta de madrugada, arromba janelas e nos mata de amor. Somos sempre infantes em tempo *Aion*. Ele nos tira as palavras e perdemos a entonação. Então, necessitamos inventar outras linguagens para dar corpo-pensamento para aquilo que nos acontece, pois, acontecimentos são descontinuidades que convocam a devires.

Assim, a fim de tentar um pensamento com imagens outras fez-se necessário sentir o corpo-pensamento e inventar um outro modo de se relacionar com o tempo para desaprender prescrições. Isto é, arriscar uma vida com menos determinações. Sabemos que um corpo-pensamento pesado seria obeso de convicções e de normas. Por vezes, está tão endurecido que não consegue nem mesmo respirar, e lhe falta ar. Respirar exige o exercício de expansão. O pulmão se enche de vazio, torna-se maior e se esvazia, torna-se menor, esse movimento se assemelha a uma dança. Respirar é bailar com a vida, encher-se daquilo que não se é, habitar o outro dentro de si, compor com o ar para produzir energia. Ademais, para vibrar necessita-se de uma pele que tenha plasticidade, pois uma pele endurecida não expande. Uma pele excessivamente estratificada não pode nem quer sentir o ambiente, pois está encapsulada em sua própria derme. Por ser uma pele que bane o movimento, quanto menos se move, menos quer se mover. Seu anseio é o de uma derme de pedra ou de uma vida de estátua, onde a paisagem permanece sempre igual. Além disso, por ser a instabilidade uma característica da vida, a pele estratificada estaria em constante ameaça de desintegração, por isso, o medo do movimento.

Contudo, os territórios que habitamos não são fixos nem estáveis e podem ocorrer desterritorializações, como resultado dos afectos produzidos pelos corpos- pensamentos nos encontros, que, em alguns casos, podem escapar, em ocasião de não haver matéria de expressão para possibilitar a sua passagem.

Precisa-se de tempo para interpretar as leituras, ruminar os conceitos e digerir os

autores. Talvez, ganhar asas e outras cores. Com isso, ousamos ser nômades em alguns momentos. Em nossa pesquisa, inventamos o *Aiongrama*, pois necessitávamos, naquele momento, de um corpo-pensamento suscetível aos afectos e aos perceptos que se produzem nos encontros. Então, inventamos um corpo-pensamento sensível, que pudesse sentir os germinares da vida. Precisávamos de pele para arrepiar e para tatear os acontecimentos.

Diferentes tempos atravessaram a nossa pesquisa: *Cronos*, um tempo comportado, que nos diz que um dia tem vinte e quatro horas e um mês, trinta dias. E *Aion* foi o tempo que nos tirou o ar, que embaralhou os segundos, e que fez dez minutos se tornarem uma eternidade.

Não sabemos quais rachaduras os acontecimentos provocarão e mal sabemos quem iremos nos tornar após os abalos de um encontro. Não sabemos do que os corpos-pensamentos que não aguentam mais são capazes. Nossa intenção foi a de trazer *Aion* para a pesquisa para que haja corpo-pensamentos para os encontros e os acontecimentos de uma pesquisa. Que haja corpos-pensamento para inventar! E que em *Aion*, possamos criar pesquisas que não apenas repitam o mesmo, mas que também sejam espaço para a dúvida, para as incertezas, para as dores, as mortes e as vidas. O que pode um corpo-pensamento na pesquisa em ciências em tempo *Aion*?

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005. DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIACOIA, O. Resposta a uma questão: o que pode um corpo? *In*: LINS, D; GADELHA, S. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2002, p. 199-215.

GROS, F. **Caminhar**: uma filosofia. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa- intervenção e produção de



subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. *In*: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2002, p. 81-90.

LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PELBART, P. P. **O avesso no niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n- 1 edições, 2013.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2015. ZORDAN, P. **Gaia Educação**: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

COMO CITAR – ABNT

DUARTE, Claudia Glavam e MITTMANN, Veronica de Lima. Corpo-pensamento e tempo e invenções nas pesquisas em ciências: o aionograma. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 22, n. 36, e24006, jan./dez., 2024.

COMO CITAR - APA

Duarte, C. G., Mittmann, V. de L. (2024). Corpo-pensamento e tempo e invenções nas pesquisas em ciências: o aionograma. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, 22(36), e24006,

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 17 de novembro de 2023.

Aprovado: 11 de fevereiro de 2024.

Publicado: 25 de março de 2024
